

Ritmo da economia é mais lento

Índices mostram que a partir de setembro economia perde fôlego

ROLF KUNTZ

A economia está perdendo o fôlego e a indústria deve entrar no próximo ano em marcha bem lenta, se persistirem as últimas tendências apontadas pelas instituições de pesquisa. Por isso, ninguém deve ficar muito entusiasmado se, no fim do ano, forem divulgados bons números de crescimento ao longo de 1989. As boas notícias se referem apenas ao passado e as oportunidades de emprego devem tornar-se mais escassas.

A indústria poderá chegar ao fim do ano com uma produção acumulada 3,3% maior que a de 1988, segundo projeção do Instituto de Pesquisa (Inpes), vinculado ao Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea). Esse

número esconderá, no entanto, o arrefecimento da atividade a partir de setembro. Nos últimos três meses de 1988, o nível de produção foi muito baixo. Por causa disso, a comparação poderá mascarar facilmente a situação real do último trimestre de 1989.

Em setembro, a indústria produziu 5,1% mais que um ano antes, de acordo com o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sinais de enfraquecimento já ficaram visíveis, no entanto, embora a produção, muito boa, tenha estado, nesse mês, acima dos níveis do Plano Cruzado. Em relação a agosto, no entanto, houve uma queda de 3,6% — consideradas as características sazonais, isto é, próprias da época, e o número de dias úteis do mês.

O crescimento iniciado em março deste ano teria portanto chegado ao ponto máximo no terceiro trimestre, começando, a partir daí, uma mudança de tendência, segundo avaliação de economistas do Inpes. Os esto-

ques da indústria e do comércio teriam chegado a níveis aproximadamente normais em agosto/setembro. A partir daí, a produção perderia impulso em consequência também da retração do consumo e do declínio das exportações.

Os dados de consumo são em geral mais difíceis de interpretar. Os da Federação do Comércio de São Paulo, por exemplo, são baseados no faturamento "real" das empresas. Mas esse indicador serve apenas para mostrar se o faturamento do comércio está ou não acompanhando a inflação. Um resultado positivo pode significar simplesmente que os ramos de maior peso no varejo conseguiram remarcar seus preços em ritmo superior ao da inflação (ou de qualquer índice de preços utilizado para deflacionar os números), sem nada mostrar a respeito do volume de mercadorias efetivamente vendido. Informações de várias fontes indicam, no entanto, algum arrefecimento do consumo, especialmente de eletrodomésticos e vestuário.

A situação do emprego dá indicações mais claras acerca das tendências da produção. O emprego assalariado cresceu apenas 0,4% em outubro, na Grande São Paulo, de acordo com números divulgados esta semana pelo Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. Em todos os setores aumentou a parcela dos trabalhadores empregados em horas extras. Esse aumento foi de aproximadamente 5%, em termos globais. Conclusão: as empresas estão preferindo pagar pelo trabalho extraordinário a contratar mais mão-de-obra.

A redução das exportações certamente já não pode ser associada ao crescimento da demanda interna. Trata-se, agora, de uma reação dos empresários à situação da taxa de câmbio. Com o cruzado novo supervalorizado, diminui a rentabilidade da maior parte dos exportadores. O reflexo, também nesse caso, é um menor estímulo à produção.